

# O PROFESSOR E SEU DUPLO: UMA LEITURA DE *DOIS* *IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

**Marlise Vaz Bridi\***

**Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos\*\***

*Resumo:* A interação está na base das relações humanas, assim como na da formação da identidade de cada indivíduo. A escola, palco da educação formal, proporciona múltiplas possibilidades de interação entre seus componentes. O presente artigo trata da interação professor-aluno, que se dá por conta do exercício de seus papéis sociais – complementares – e que se estruturam um a partir do outro: o duplo que é o outro que, por sua vez, constitui o primeiro, e vice-versa, porque a existência de um é condicionante da existência do outro; as ações de um são condicionantes das (re)ações do outro. A interação professor-aluno, presente em *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, é aqui analisada.

*Palavras-chave:* Milton Hatoum; duplo; interação professor-aluno.

■ **E**m *Dois irmãos* de Milton Hatoum, o recurso ao duplo está presente em vários planos da narrativa. Os irmãos referidos no título, sendo gêmeos, são a dimensão mais evidente disso. No entanto, de modo sutil, a relação professor-aluno assume importância insuspeitada na constituição do duplo, sendo, nesse sentido, a contrapartida exterior do que já se manifestara no plano da família.

\* Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e da Universidade de São Paulo (USP).

\*\* Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Titular do Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Remontado explicitamente ao mito de Caim e Abel e, implicitamente, a *Esau e Jacó* de Machado de Assis, no romance *Dois irmãos* são contempladas as marcantes características da família árabe com o forte componente de voltar-se, primeiramente, para si mesma, com a demarcação rígida dos universos masculino e feminino (especializados e apartados) e com o mascaramento das relações interpessoais pela homogeneização afetiva e pulsional. Se todas elas participam da trama, o incesto ou a bastardia, por exemplo, as tensões geradas pela disputa violenta entre irmãos são, entretanto, muito mais expostas. As dissidências e dissonâncias, sobretudo entre os irmãos gêmeos, estão no centro da construção da narrativa e, em última instância, é o objeto da investigação do narrador, que deseja especular sobre sua própria origem: filho da empregada nativa (uma índia aculturada) com um dos gêmeos (que nunca sabe exatamente qual seja) está, ao mesmo tempo, dentro e fora da família, dentro e fora da casa (em um quartinho do quintal), mas em lugar privilegiado, por deslocamento, para passear entre as muitas histórias que ouve, entreouve ou reconstrói por dedução.

Há um particular que se reveste de grande significação como índice da posição ocupada pelo narrador no romance. Seu nome é o mesmo do pai de seu avô Halim, pai dos gêmeos e uma das fontes da grande narrativa familiar que, aos poucos, vai tecendo para si e para o leitor. A tradição árabe, nem sempre cumprida à risca, sobretudo entre imigrantes, mas de conhecimento de geral dos que partilham aquela cultura, estabelece que o primogênito (do sexo masculino) receba o nome do pai do pai, quase sempre seguido do nome do próprio pai. Portanto, seria Halim avô ou pai do narrador? Essa dúvida que paira sobre a narrativa e sobre o próprio saber que o narrador vai urdindo para si pode ser, no contexto da obra, fruto de duas circunstâncias: o desejo de Halim reviver a paternidade em outra chave, mais doce, na relação de real cumplicidade e verdadeiro afeto que se estabelece entre o velho e o moço, e na impossibilidade que o pai teve de concretizar a tradição quando, em vez de ter um primogênito, surgiu o impasse de filhos gêmeos. Pai e mãe resolveram-no da melhor maneira que puderam: Yaqub recebeu as responsabilidades de primogênito e Omar os privilégios de ser o caçula, denominação com que é referido ao longo da narrativa.

Em tudo diferentes, os gêmeos vão sendo atirados para campos opostos pelo tratamento desigual que recebem, sobretudo por parte das mulheres da casa – a mãe, a irmã e a própria empregada – o que os torna inimigos mortais. Numa seção particular de cinema, é detonado o estopim entre eles:

*[...] Yaqub reservou uma cadeira para Lívia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. Da escuridão surgiram cenas em preto-e-branco e o ruído monótono do projetor aumentava o silêncio da tarde. [...] Uma pane no gerador apagou as imagens, alguém abriu uma janela e a platéia viu os lábios de Lívia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. [...] A cicatriz já começava a crescer no corpo de Yaqub (HATOUM, 2006, p. 22).*

A tensão entre o corpo familiar e os corpos pessoais está definitivamente instalada e, a partir dessa cena, rememorada por Domingas (a índia), a mãe de

Nael (o narrador), muitos outros fios vão sendo urdidos na construção da narrativa, das memórias pessoal, familiar e coletiva.

Uma outra dimensão que não pode, por fim, ser descuidada no caso desse romance é o entrelaçamento entre a ficção e a histórica do Brasil contemporâneo: acompanhando a trajetória das personagens por três gerações, ao mesmo tempo é a história do Brasil e, especificamente a história de uma cidade estratégica da Amazônia, Manaus, que está sendo revisitada. Inserida no seio da trama principal e como dimensão ambígua da leitura da história, acompanhamos alguns episódios do período da ditadura militar, refletidos nas relações interpessoais das personagens, como a morte por assassinato do professor-poeta do liceu da cidade e, depois, a prisão do Caçula:

*Uma caçada. Viu o Caçula agachado, atrás do tronco de um mulateiro. Os policiais farejavam por ali, todos de arma em punho. Os tiros cessaram. Queriam matá-lo ou só lhe dar um susto? [...] Sabiam que Omar podia reagir. E reagiu, à sua maneira: deu uma risada na cara dos meganhas. A coronhada que levou no rosto antecipou sua entrada no inferno* (HATOUM, 2006, p. 193).

Neste artigo, entanto, dispusemo-nos a centrar nossas atenções nas relações entre professor e aluno. A análise de tal situação nos dará oportunidade de refletir acerca do duplo como recurso em seu desdobramento no plano pedagógico.

Na escola, palco da educação formal, o processo de ensino-aprendizagem gira em torno de dois atores centrais de uma cena onde não há coadjuvante: professor e aluno(s). Nesse espaço, são variadas as possibilidades de interação, e a influência recíproca, exercida sobre as ações respectivas de uns e outros, revela-se persistente, alcançando espaços exteriores ao da sala de aula.

Para Lakatos e Marconi (1999, p. 87), a interação

*[...] é a ação social, mutuamente orientada, de dois ou mais indivíduos em contato. Distingue-se da mera interestimulação em virtude de envolver significados e expectativas em relação às ações de outras pessoas. [...] É a reciprocidade de ações sociais.*

A interação está na base das relações humanas, assim como na da formação da identidade de cada indivíduo, na medida em que ele se percebe influenciado pela percepção que dele tenham.

Quando se trata da relação professor-aluno, tal interação dá-se por conta do exercício de dois papéis sociais, ambos fundamentais para a ação educativa – o de professor e o de aluno. Tais papéis são complementares e estruturam-se um a partir do outro, o seu duplo. O duplo que é o outro que, por sua vez, constitui o primeiro, e vice-versa, porque a existência de um é condicionante da existência do outro; as ações de um são condicionantes das (re)ações do outro.

Os indivíduos, ao assumirem determinados papéis sociais, assumem comportamentos que são inerentes a esses mesmos papéis. Assim como determinados comportamentos são socialmente esperados e, portanto, aprovados, há, no entanto, uma certa dose de liberdade nesse desempenho e, assim, cada indivíduo imprime sua “marca” ao desempenhar os muitos e múltiplos papéis que lhe são atribuídos ao longo da vida, nas mais diferentes situações.

As expectativas dos outros, baseadas em normas socialmente aprovadas, determinam a maneira pela qual cada um deve desempenhar seu papel; entretanto,

existe certa amplitude nessa determinação, permitindo variações individuais (LAKATOS; MARCONI, 1999, p. 105).

Dessa forma, ainda que o exercício dos papéis de professor e de aluno seja mútua e simultaneamente controlado, na medida em que o próprio espaço institucional, com suas normas e regulamentos, já indique todo um conjunto de ações características por aquele grupo social esperado, essa relação prevê uma interação equilibrada em que sujeitos, pelo diálogo, devem construir uma educação para a autonomia.

Em *Dois irmãos*, Milton Hatoum apresenta duas figuras de professores, que ocupam papéis preponderantes em momentos cruciais da vida das demais personagens.

O primeiro deles, padre Bolislau, professor de matemática do colégio onde os gêmeos Yaqub e Omar estudavam, teve importante participação – ainda que diametralmente oposta – na vida de ambos.

Quanto ao primeiro irmão, foi o professor Bolislau quem de pronto percebeu e incentivou o talento de seu jovem aluno para o cálculo matemático.

*No colégio dos padres ele encontrava sempre, antes de qualquer um, o valor de um z, y ou x. Surpreendia os professores: a chave da mais complexa equação se armava na cabeça de Yaqub, para quem o giz e o quadro-negro eram inúteis* (HATOUM, 2006, p. 26).

Surgia ali, naquela situação de aprendizagem, as evidências de um talento que se transmutaria, no futuro, em vocação. Anunciava-se, na esteira do incentivo do mestre, um futuro profissional auspicioso, que teria início com o ingresso na Escola Politécnica – “em ‘brimeiro’ lugar, baba” (HATOUM, 2006, p. 25), como ele mesmo escreveria ao pai, mais tarde, contando. A descoberta desse talento devolveu ao tímido Yaqub a altivez perdida ao longo de sua infância e pré-adolescência, quando se via como perdedor na disputa do afeto materno, numa eterna comparação com seu irmão.

O mesmo professor Bolislau, no entanto, interage de modo diametralmente oposto quando se trata de Omar, o outro filho de Zana e Halim.

Numa relação marcada pelo autoritarismo do professor e pela falta de qualquer noção de limites por parte do aluno, o resultado foi absolutamente negativo.

O processo de ensino-aprendizagem pressupõe a convivência pacífica entre o professor e seus alunos. O exercício desses dois papéis sociais está claramente marcado pelas normas institucionais. Ao professor cabe ensinar, buscando, para isso, as condições adequadas à aprendizagem de seus alunos, condições essas que se baseiam nas competências que são características de seu papel profissional. Dominar os conteúdos de sua disciplina; manejar adequadamente métodos e técnicas pedagógicas; planejar previamente seu curso; conhecer seu alunado, respeitando-o; dialogar com sua turma, compreendendo que o aluno é o único sujeito de sua própria aprendizagem são alguns dos requisitos requeridos a todo professor.

Por sua vez, ao aluno – aquele que deve aprender – cabe conhecer e respeitar as normas preestabelecidas, ainda que essas devam ser discutidas para serem bem compreendidas; responsabilizar-se por seu próprio aprendizado, ainda que para isso necessite da compreensão do próprio professor; conhecer os seus limites, postos por uma relação não familiar, do mundo das relações sociais mais amplas.

No caso específico do professor Bolislau e de Omar, o autoritarismo do primeiro e a falta de limites do segundo provocaram uma situação que marcou o jovem Omar, reforçando sua sensação de poder extremo, ampliada por uma autopercepção excessivamente benevolente.

Se o primeiro episódio marcante, ocorrido entre ambos, nasceu do ranço autoritário do professor, que se permitiu castigar e humilhar o aluno, colocando-o de joelhos “[...] desde o meio-dia até enxergar a primeira estrela no céu” (HATOUM, 2006, p. 29), diante de todos os colegas da escola, a reação do aluno teve origem tanto na ação anterior do professor (o castigo) como na total falta de limites, permitida a ele por sua família. “Contava a história para todo mundo ouvir. Contou-a diante dos alunos do Galinheiro dos Vândalos, em voz alta, rindo [...]” (HATOUM, 2006, p. 29), vangloriando-se de ter sido expulso do colégio dos padres por surrar um professor.

Um mesmo professor e dois momentos tão distintos. Se a Yaquub a convivência com o professor Bolislau auxiliou-o a resgatar sua autoestima, com Omar o efeito foi oposto. Um jovem que aparentava não ter problemas de autoestima, sofre – além desse episódio aqui comentado – tantos revezes que passa a se perceber – denunciado pelo olhar do outro – diminuído. Pela primeira vez, o caçula é colocado em situação de confronto com limites, fato, até aqui, por ele desconhecido: “Ah, dessa vez, Omar tinha ido longe demais” (HATOUM, 2006, p. 29).

Expulso do colégio dos padres, Omar passa a frequentar o Liceu Rui Barbosa, o Águia de Haia, mais conhecido como o Galinheiro dos Vândalos, frequentado pela escória de Manaus e onde “[...] reinava a liberdade de gestos ousados, a liberdade que faz estremecer convenções e normas” (HATOUM, 2006, p. 28).

É nesse cenário que surge, na narrativa de Hatoum (2006, p. 28), o segundo professor: Antenor Laval – “[...] um excêntrico, um dândi deslocado na província, recitador de simbolistas, palhaço de sua própria excentricidade”. Um professor que, abusando da persuasão e da sedução, atraía seus alunos “[...] pelo encanto da voz [...]” ao recitar poemas seus ou de seu poeta simbolista preferido. Esse professor, mesmo depois da aula, acompanhado de seus alunos, continuava a exercer sua influência nos cafés da cidade.

Professor e aluno, dois sujeitos do processo educativo, em diálogo, constroem juntos o tom e o clima da ação educativa. Existe, no entanto, nessa relação, alguns indicativos que a influenciam fortemente. O *ethos* prévio do professor (e por que não de seus alunos?) é um desses indicativos ao qual nos referimos.

Numa escola cujo apelido era Galinheiro dos Vândalos, frequentada, sabidamente, pela escória da cidade, pouco se esperava dos professores, que, por sua vez, nada esperavam de seus alunos. Dessa forma, até mesmo os conflitos eram poucos, pois as expectativas eram igualmente escassas.

Em situações mais típicas, a quebra de expectativas costuma ser geradora de indisciplina, de absenteísmo e de evasão. Porém, no Galinheiro dos Vândalos, as expectativas eram pequenas e raras. Para Omar, a escola não tinha nenhuma importância. Frequentou-a até o momento em que conseguiu deixar de frequentá-la, quando logrou burlar a vigilância familiar e, simplesmente, evadiu-se.

Essa mesma escola, no entanto, conturbada e de má fama, constituiu-se em “alforria” para Nael, o narrador dessa história, filho bastardo de uma empregada doméstica, cumpridora de suas obrigações, mas totalmente ignorante de seus

direitos. Nael, esse sim, tinha expectativas quanto à escola, pois, para ele, estudar, ainda que fosse no Galinheiro, era a única possibilidade de construir um futuro, qualquer futuro.

Quanto a esse segundo professor, o que Milton Hatoum nos conta é que Laval influenciou substantivamente essas duas personagens: Omar e Nael.

Em sala de aula, Laval, distante da figura do professor tradicional e autoritário, iniciava suas aulas com uma preleção ou aula expositiva dialogada, preocupado com a contextualização histórico-social da obra em discussão: “[...] primeiro o cerco histórico, ele dizia, depois uma conversa, por fim a obra” (HATOUM, 2006, p. 141). Assim, esse professor introduzia seus alunos no mundo da poesia e, para conseguir a atenção de seus alunos, seu discurso, marcadamente persuasivo, era impregnado pelo lúdico, mas antes de tudo permeado pela argumentação. Desse modo, o discurso de Laval, sendo um discurso democrático, pressupunha a intertextualidade, o diálogo, a presença de opiniões controversas e de distintos pontos de vista.

*[...] Era o momento em que ele falava francês, e nos provocava, nos estimulava, fazia perguntas, queria que falássemos uma frase, que ninguém ficasse calado, nem os mais tímidos, nada de passividade, isso nunca. Queria discussão, opiniões diferentes, opostas, ele seguia todas as vozes, e no fim falava ele, argumentava animado, lembrando-se de tudo, de cada absurdo ou intuição ou dúvida [...] (HATOUM, 2006, p. 141-142).*

Sabia Laval que, em sala de aula, o diálogo deve ser cuidadosamente cultivado pelo professor – que não apenas fala, mas também, e igualmente, deve escutar, favorecendo a interação, que só se realizará se houver reciprocidade de reações, se alunos reagirem ao discurso do professor e vice-versa. A simples presença física de ambos num mesmo espaço não significa, portanto, interação e, muito menos, efetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Quando, numa manhã de abril, o professor Antenor Laval foi preso, seus alunos presenciaram toda a humilhação pela qual ele passou. Dois dias depois, estava morto e sua morte marcou, profundamente, Omar – que pela primeira vez se manifesta em favor de outro que não fosse ele próprio; um outro a quem dedicou uma amizade sincera cuja perda abala seu próprio equilíbrio.

Quanto a Nael, esse apanha a pasta surrada do mestre morto com seus livros e seus poemas para guardá-la como se uma relíquia fosse. No futuro, tornou-se, ele próprio, um professor, que dava aulas no mesmo liceu onde estudara e fora aluno de Laval, de quem reuniu os escritos e que certamente o influenciaram a tornar-se o meticuloso e envolvente narrador dessa trama denominada *Dois irmãos*.

Enfim, os lugares para os quais as pessoas podem ser deslocadas, fazendo delas o outro diante de si mesmas, são muito bem representados por essa obra em que o sentimento trágico da vida se manifesta como, entre outras coisas, uma constante sensação de encontrar-se fora de lugar (SAID, 2004). No plano familiar, a cultura árabe, como todas as culturas minoritárias, ainda que assimiladas, pode levar a esse sentimento. Por sua vez, no plano público, em que a escola exerce papel fundamental, as relações são, como se pode ver, não menos significativas, levando as personagens, como leva a todos nós, a encarar nossa própria face.

## REFERÊNCIAS

- HATOUM, M. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Sociologia geral*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SAID, E. W. *Fora do lugar*. Memórias. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRIDI, M. V.; VASCONCELOS, M. L. M. C. The teacher and his double: a reading of *Dois irmãos*, by Milton Hatoum. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 55-61, 2011.

**Abstract:** *Interaction is in the basis of human relations as well as in the formation of each individual's identity. The school, stage for formal education, offers multiple possibilities of interaction among its components. The present article discusses the interaction teacher-student which happens by means of the exercise of their social roles – complementary – and that are structured one from the other: the double that is the other who, in its turn, constitutes the first, and vice-versa, because the existence of one is conditioned by the existence of the other; the actions of one are conditioned by the (re)actions of the other. The interaction teacher-student, present in *Dois irmãos*, by Milton Hatoum, is here analyzed.*

**Keywords:** *Milton Hatoum; double; interaction teacher-student.*